

**o método da exaustão**  
**manoel ricardo de lima**



# o método da exaustão

manoel ricardo de lima

cultura e barbárie

2023

[cc] 2020, 2023 manoel ricardo de lima

você tem a liberdade de compartilhar, copiar, distribuir e transmitir  
esta obra, desde que cite as autorias e não faça uso comercial

*edição e design*

juliana travassos

*revisão*

italo diblasi

júlia studart

---

L732m

Lima, Manoel Ricardo de

O método da exaustão / Manoel Ricardo de Lima. – 2.  
ed. – Florianópolis : Cultura e Barbárie, 2023.

ISBN 978-65-87529-38-7

1. Poesia brasileira. I. Título.

244-004-21

CDD : 869.91

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

Cultura e Barbárie Editora

Ilha do Desterro [Florianópolis], SC.

[www.culturaebarbarie.com.br](http://www.culturaebarbarie.com.br)

*Em estável desequilíbrio*, por João Barrento

o método da exaustão

a série

euclides

sandra bullock passeia pelo espaço

cingapura

o dom

substâncias celestes inalteráveis

um tiro lento atinge o coração

os mortos são bons e *o direito do roubo*

hiato, respiração

“[...] o livro começa a fazer-se. Mas eu desejo escrever,  
não fazer livros, o que é muito diferente daquilo que  
experimentara antes.”

*Maria Gabriela Llansol*

“o contrário de guerra não é o amor [...], é paz”

*Amós Oz*

*para júlia e teo,  
uma paz*

“[...] o chamado método da exaustão representa no pensamento euclidiano o que para nós é o método das séries [procedimentos de composição por adição e subtração, justaposição, supressão, de figuras elementares como segmentos ou prismas, numa demonstração de convergência ou disparidade etc.] [...], a demonstração de convergência constitui a definição de um número, o limite, segundo anuncia o postulado de Dedekind, e o resto da série é a diferença em relação a esse limite. Diante de Euclides, o postulado de Dedekind não teria razão de ser porque o limite existe, geometricamente dado, antes de ser gerado pela série.”

*Beppo Levi*

## Em estável desequilíbrio

por João Barrento

Entremos pela porta principal. Que é a do título, abrindo desde logo para inúmeros corredores que desembocam em todas as secções do livro, em cada um dos poemas que as compõem. *O método da exaustão*: significa isso que se crê que este mundo chegou ao fim? Que o limite já está aí, antes mesmo de a “série” (o *mainstream*?) dele tomar consciência e o proclamar? Que, como tantas vezes na história, chegámos ao “fim da história”, a um ponto sem finalidade, *of no return*?

Não parece ser bem isso o que ao leitor tem para dizer *O método da exaustão*. Sempre houve recomeços, e a história, afinal, é sempre mais a história de cada um de nós – de quem escreve e de quem lê, de quem olha o mundo e subitamente cai em si. Este livro tem disso consciência, e transforma-se assim, sem disso fazer uma estratégia premeditada, numa arma (velha questão: a poesia é uma arma?), num libelo acusatório *more poetico*, em registo de escrita muito próprio. Sem *meu*, sem *eu*, numa língua que, como a de Maria Gabriela Llansol,



“perdeu definitivamente o possessivo” – pondo o objecto à mostra, simplesmente expondo o corpo de delito deste tempo que nos coube viver (“dizer sem nome, sem meu, sem me / sem eu [...] contra o comum, a estranheza / contra o comum, a luta, o / limiar, o milagre”).

Não estamos, então, perante uma recolha de poemas avulsos, mas diante de um livro que tem uma ideia regulativa, um princípio estruturante, um fio condutor. A pergunta de fundo, sempre presente, é: quem somos? Que *coisa* somos? Que andamos fazendo neste mundo? Nada menos do que isto. E a resposta, a primeira, porque muitas outras virão, surge logo nos primeiros poemas: somos como o carcará, vagamos e sondamos, pilhamos, aproveitamos oportunidades, mas não temos projecto próprio, fomos ex-propriadados, nivelados pela acção de forças invisíveis, antes chamadas “aparelhos ideológicos”, e que hoje cada vez mais se manifestam em rostos visíveis e identificáveis. Mas também aqui nos é dito que não existe plural absoluto (nós), que há sempre quem tente sabotar o método da exaustão, resistir contra o poder dos sistemas. É isto que parece ecoar em cada poema, invisível, como que *ex-negativo*, naquele espaço que o poema não diz e o leitor tem de preencher (“quem sabe / alguma rejeição ao estado / técnico e mecanizado do / mundo...”). Aí, depois da leitura, muitos descobrirão que existe

o porte íntegro, que, como escreve Maria Gabriela Llansol, “somos ventos e sementes, trajectos e fragmentos”, corpos de promessa. Assim, a questão que a cada momento o leitor se coloca é: há possibilidade de um qualquer recomeço? De um *incipit vita nova*, já não o de Dante e Beatriz, mas o de uma mudança radical de paradigmas, éticos e políticos, mais no sentido do “Torso arcaico de Apolo” de Rilke e da sua linha final: “Tens de dar novo rumo à tua vida”. Mesmo no meio da negra quimera de um mundo que nos lançou numa espiral vertiginosa e enganadora, num *maelström* abismático que cada vez mais acentua o contraste negro-luz entre o seu centro invisível, podre e corrupto, e as margens acomodadas e pretensamente felizes que esqueceram o seu papel, massa informe vegetando nas estatísticas dos poderes, de um capitalismo irreal mas hiperpresente, com o seu grande estômago que tudo digere – mas que um dia terá necessariamente a sua indigestão...

A poesia, essa – esta, a deste livro – sabe disso e vai adiante, na sua tarefa iluminadora e desmistificadora. E fá-lo, aqui e em alguns dos livros anteriores de Manoel Ricardo de Lima, fora dos trilhos mais habituais da poesia, mesmo a de hoje: recusando a fala de um eu para escutar as vozes do mundo, num registo progressivamente menos metafórico (o carcará, a arapuca, a cuia, o cupim...) e mais cru e directo, e acrescentando

a todos esses ecos os que lhe chegam de uma tradição (poética, científica, filosófica, artística em geral, dos Gregos à actualidade) que aqui é saqueada com frequência e sem complexos, num gesto cúmplice que mais não pretende do que acentuar o fundo humano, demasiado humano de um dado problema, e iluminá-lo a partir do passado: como quando se vira do avesso a noção estigmatizada de “força”, agora lida (com Leonardo e Galileu, Pasolini e Benjamin) em sentido novo, o de “pujança” (o *conatus* que anima o vivo em Spinoza), oposto à rigidez estática e asfixiante da “forma”. Como acontece, afinal, na construção de qualquer poema deste livro, feito à margem de gêneros e convenções, com os muitos restos das mais diversas tradições, sem empatia cega e inconsequente, antes usando a tradição para a iluminar à luz do presente, e vice-versa.

O poema sabe que não está sozinho, e arrisca neste livro incursões constantes por zonas “extraterritoriais”, gerando assim um registo original, que à primeira vista poderá parecer excessivamente anti-poético, tão diferente do minimalismo lacónico-imagético do primeiro livro de Manoel Ricardo de Lima, *Embrulho*, de 2000. Mas sabemos também que o “poético” é um fazer (*poieín*) e que a sua linguagem constitui um modo particular de agir, a “potência de *um fazer* e de *DIZER*”, como o autor escreve na apresentação do seu livro *Geografia*

*aérea* (2014). E esta é precisamente uma das grandes virtudes, ou originalidades, da poesia de Manoel Ricardo: a de pôr a agir muita matéria dita não-poética, para com ela construir o seu edifício poético, numa “lição de geometria” em que a forma regular do quadrado é desmontada e destruída, num gesto de “desobediência até a / imperfeição física”. É essa a vocação do poema: a de ser *in-perfecto*, nunca acabado, forma não fechada mas “formante”, e sempre numa infundável “experiência compatível” com outros modos de dizer (vd. o livro de ensaios *com* Joaquim Cardozo, *Forma-formante*, de 2014).

Esta compatibilidade e disponibilidade para escrever *com* outros é, de facto, um dos traços mais marcantes deste novo livro de Manoel Ricardo de Lima, evidente até na subversão das práticas mais comuns do uso da epígrafe, levada ao extremo na secção “Sandra Bullock passeia pelo espaço” (a única em “prosa”), no paralelismo e na correspondência entre texto próprio e alheio (neste caso, o de Carlos Augusto Lima). Sendo culta, esta poesia acaba por não ser douta, cultivando sobretudo o olhar sobre a realidade que é a sua/nossa, mas recorrendo a toda a espécie de referências e reenvios, aparentemente com uma intenção e um resultado visíveis: traçar um quadro o mais amplo possível, uma rede de remissões e evocações que nos permita ver como somos apenas a variante de uma invariável, o salomó-

nico gnoma “Não há nada de novo sob o Sol” (ou o de Llansol: “Nada ainda modificou o mundo”). Por isso o livro, a sequência dos poemas e das várias secções, não são mais uma *narrativa*, mas o espelho de uma condição. Por vezes, partindo de *exempla*, essa condição é dada de forma conclusiva, apodíctica, transformando o poema (mas apenas por instantes, até ao próximo) numa espécie de “peça didáctica” (“quando o incomensurável / vem a sua medida é / o impossível”; ou “não há nada para / ver meramente com / os olhos”).

A narrativa, essa, como no Blanchot de *La folie du jour*, ficou pelo caminho (“pas de récit, plus jamais”). Não há narrativa que nos salve, porque a imaginação pouco pode contra a história (cujo “fim” já foi proclamado há várias décadas), história essa que, num tempo sem consciência do tempo, é tão-somente o que está acontecendo tal como está acontecendo. A não ser, talvez, trocando as voltas ao presente, escovando a história a contrapêlo, como propõe Benjamin. Até lá, narrativa, só a do desastre, do *dés-astre* de Blanchot, do estado fora-de-órbita do mundo. Será disso que fala este livro, de um século XXI “pendurado no andaime”, em estável desequilíbrio? Fala com certeza do mundo às avessas e do secreto desejo de andar nele ao contrário, de cabeça para baixo, à “imagem de Lenz”, que na novela de Büchner parte para a montanha, qual Zaratustra

antes de tempo, em busca da superação do humano, de um “eterno retorno”, não do mesmo mas do “mútuo” (Llansol), fora da “inversão de todos os valores” que parece reger o mundo. É, como nesta poesia, a nostalgia de andar às avessas no mundo às avessas – na cidade “organicamente imperiosa” ou, inesperadamente, num Oriente/Cingapura/Malásia hipercapitalista, reserva barata da produção e do consumo globais. Esse mundo às avessas apresenta-se, nos poemas de secções como “cingapura” ou “o dom”, sob a forma do viver indiferente e desumanizado do dia a dia, do cigarro de plástico, dos super-heróis e da morte da natureza. Ou então como beco sem saída aparente, onde Narcisos inconscientes de si próprios continuamente se fotografam e falam sem nada dizer. Perde-se o acesso ao cerne do mundo, imersos que estamos em imagens ilusórias, “mapas antes da terra”, representações. E o poema absorve tudo isso, digere e elabora todos esses motivos que nos tocam de perto, numa linguagem que “primeiro se estranha e depois se entranha”, científica, erudita ou quotidiana, e que a poesia não conhece muito, e assim ganha o espanto do leitor, dando-lhe a *ver* o mundo sem nada narrar. Era já assim num pequeno livrinho de 2015 (agora incluído neste), *Um tiro lento atingiu meu coração [cinema]*, onde, sob a égide de um outro poeta, W. C. W. [William Carlos Williams], a escrita corria entre a

actualidade mais ameaçadora e os mitos virados do avesso, para nos dizer como vivemos neste filme do mundo “com um prego no sapato”, como estamos sempre ansiando a recusa, mas o tiro vem, lento, e atinge o coração – pode ser a TV, os políticos de pacotilha, Mr. Zuque, a nova besta do apocalipse Trump-666, as falinhas polidas de Temer ou a devoção sinistra de Bolsonaro.

Resta-nos então – resta à poesia – o *testemunho*, porque o estado do mundo se tornou inenarrável. A própria imagem gráfica dos poemas neste livro mostra isso: por toda a parte os testemunhos (de outros tornados próprios) surgem objectivados pela grafia em *itálicos*, no meio de outra escrita que não narra, quando muito comenta, e os comentários vêm de uma voz (não de um eu autobiográfico ou lírico, à “escala doméstica”) que viu e ouviu para dar testemunho, para ser arauto de uma consciência (co-ciência, co-saber) e não de uma mera experiência pessoal do mundo. Sem limites – daí os “exotismos”, hoje menos exóticos, de Índias e Cingapur – , porque o mundo se tornou global, continuando, no entanto, a não ter forma, porque é pura e simplesmente “tudo o que é o caso” (Wittgenstein), tudo aquilo que nele acontece (isto é, sobre nós *cai*), na “eterna troca de tudo em / tudo, quando tudo / se transforma em / tudo”. E já não podemos, como o capitão Ahab, sair fora desse mundo para ir atrás da concretização de uma qualquer

felicidade insana. Porque, de novo em “tempos sombrios”, não há “centelha de esperança” e, mesmo de “asas prontas para o voo”, “o inimigo não para de vencer” e “estamos condenados à civilização”. Benjamin, que aqui ecoa, já sabia disso, e o autor deste livro não deixa de o lembrar.

O toque final do livro, na secção “hiato, respiração”, é, no entanto, não o de uma qualquer busca utópica e fatal, mas o de uma forma de melancolia activa que aprendeu a “subverter a vida, / sabotá-la”, convivendo com a “felicidade modesta” de saber que afinal *somos* um corpo, apesar de o não *termos*. Como acontece com a linguagem que só *é*, plenamente, no corpo do poema que sabe que a não possui – e que deixa de ser no discurso vazio e dominante que julga tê-la (como a tudo). É aí, no corpo próprio de cada poema deste livro, que o “método da exaustão” perde o direito de cidadania (pelo menos poética), e se afunda. Para que o mundo continue a respirar.

*Lisboa, 6 de fevereiro de 2019*



o método da exaustão

é a rota do carcará  
que desfaz o  
cheiro da fuligem

nenhuma rua  
nenhum empenho  
nenhuma palavra  
nenhum *diz que diz*  
desse enfado repetido

nada  
desse cansaço  
desses embaços de gente

nenhum

apenas a força de pernas pequenas  
pernas pequenas: de bicho

e exaustos,  
é o método, é o método  
exaustos,  
o método da exaustão

a armadilha é também  
uma arapuca, isto que vem  
a passarinho velho, isto que  
se aprende antes do céu, estrelas  
verrugas apelido abraço

depois do céu, a bomba  
depois do céu, a matemática

depois do céu  
depois do céu *quando os mortos*  
*são bons*

e não morrem mais

a rota do carcará é o peixe  
a areia frouxa  
*o peixe morto*

contra essa vidinha de planta  
esse tempinho de planta  
o peixe morto, mata  
isto é um espanto ou método

o peixe não grita antes de morrer  
nem enquanto morre  
nem depois que morre

o peixe não tem fé  
o peixe não faz *buuuu*

o mar ainda é a baleia  
agora, aqui, diante do abraço  
o mar também é presságio,

pulso

a marca da tinta no solavanco da pele

se os dias se repetem?  
sim, sempre  
os dias podem matar

como qualquer coisa, como tudo

isto é uma fome

*a ilha com defeito: não tem mar*  
pode ser o fim do mundo ou a  
dança do carcará num sobrevo

o curral  
o peixe morto

*de um lado o inferno, do outro*  
*a agrura*

o carcará não comove  
o coração do marinheiro  
é áspero

a ação e o terror da ação  
redesenham o voo  
do carcará

exausto, ajusta-se  
num método contra a ação  
e o terror da ação

é o gesto  
*apreender e contrair o tempo infinito*  
ou  
*uma emancipação de toda finalidade*

coincidência, colapso

isto que esgota  
sobra  
mata

quando o carcará parece que ri

destruir a embarcação  
isto é uma ordem, um jogo  
mas pode ser lido como um  
manual

se pode ser lido como  
um manual é um manual

é possível destruir o manual  
ou destruir a construção do manual

isto ainda é infinito  
e o infinito parece curto pouco  
ontem amanhã gasto sorridente

se algo se move, num gesto, e dança  
é o peixe ou o carcará antes que se  
comam, se morram

a vida ágrafa de areia sal sertão



todos os dias são um deserto  
isto também é uma fome

*outra fome*

o carcará persegue  
os dias, *as imagens vindas*  
*dos dias*, do alto

*a sombra*  
e algum naufrágio depois do céu

e isto é imenso

as pequenas pernas  
de bicho contra a  
perna lacerada, refeita  
a cromo, cobalto e  
*molibdênio*

[*número atômico 42,*  
*molybdaenum, μόλυβδος,*  
*metal de transição*  
*essencial à vida dos*  
*animais*]

o choque de um aperto de mãos  
a violência de um beijo

não há limite nem  
o imprevisto da série

o pouso do carcará é  
uma apresentação  
do silêncio, um vazio

e uma arruaça

a série

station wagon

livre e  
em perigo  
dentro da *caravan*

*caravan:*

perua de grande porte derivada  
do chevrolet opala  
eleita o carro do ano em  
mil novecentos e setenta e seis

– *assim, esse desespero é moda* –

corpo mais longo do que o normal  
área imensa por trás dos assentos  
lendário motor de 6 cilindros  
da série especial *diplomata collectors*  
versão quatro portas para socorro  
com câmbio na coluna da direção

a partir de mil novecentos e noventa  
e dois a *caravan* sumiu

uma narrativa? não  
nada de narrativas  
nunca mais

falta um dente da frente e  
este buraco grudado a seu corpo  
de lutador dá a ele um aspecto de  
homem de briga, de confronto

este buraco grudado a seu  
corpo de lutador dá a ele um  
espectro de violência contraída

é possível que ame:

um anum, no máximo,  
ou  
uma borboleta, ponto  
nulo, trazida do oriente  
por alguém nascido  
em cingapura

space invader

depois de dez dias de  
água arrisca  
a vida para lavar paredes

trinta e quatro andares, uma ninharia

*un punto de la nada, una nadería*

livre e  
em perigo  
o século 21 pendurado no andaime

*andaime:*

termo utilizado para estruturas  
temporais de acesso  
escora com diversas denominações  
modulares, tubulares e fachadeiros  
aplicação mais habitual na construção  
civil, modelos de madeira, aço,  
alumínio, corda

tudo suspenso

um andaime é também um balanço

balanço jogo fotografia desenho e  
a circunstância: a guerra na guerra

*la ley de la necesidad en la  
guerra aconseja que se maten ciegamente*

e

a imaginação é contra a história

uma narrativa? não, nada  
de narrativas, nunca mais

material empenado  
infestado por fungos cupins nós  
rachaduras trincas e principalmente  
metal e madeira seca com fibras  
retas sem desvios helicoidais

quem sabe  
quem sabe

alguma rejeição ao estado  
técnico e mecanizado do  
mundo, agora, a queda

ou

*o terror é algo similar à psicose*



cabeça de cuia

todo nome é *tropo*, figura

*homem boi matadouro*  
*o que berra na hora do*  
*perigo é o homem*

esteban echeverría escreve *el*  
*matadero* entre 1838 e 1840

a vertigem contra a  
ordem, o terror

falta vaca  
falta carne

copiaram mal a esteban, *sustine*,  
*abstine*, assim, *viva la federación*,  
*viva el restaurador*

*y siguió la matanza*, de tudo

sobra vaca  
sobra carne

uma narrativa?  
não, nada de narrativas  
nunca mais

o cabeça de cuia é o monstro  
e se incorpora no louco

crispim  
crispim

pirão de osso tropa de osso  
bate na mãe mata a mãe

101 / 102

*lado a lado*  
*as camas malcheirosas*

*o sono cura*

*a carne é mole*  
*e não dói*

*dichtermut*

...

alguns anos antes ou depois  
trótski, doente, trata-se em ullevall  
e lê uma bíblia em norueguês

imagina que mesmo assim  
não pode salvar a alma  
mas a bíblia norueguesa  
serve para estudos comparativos  
de línguas

isto é uma luta  
uma revolução

a vida só golpeia os fracos

...

*a vida golpeia os fracos*

...

uma narrativa? não, nada de narrativas  
nunca mais

...

um sonho com cavalos de papelão,  
bolas, bonecas de trapo, livros

...

isto avança: músculos tensionados  
e virados ao jogo, ao trabalho, à  
vida,

para algum futuro  
todo futuro

todas as tarefas misturadas com  
o presente, agora, no tempo das  
plantas, lentamente

lado a lado, um a um, para  
dançar e rir, abraçados, como  
sempre, vampiros

*numa caminhada até o cinema do bairro*

[com júlia studart]

euclides

“Que a ciência dissesse a última palavra. Ali estava,  
no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas  
essenciais do crime e da loucura...”

*Euclides da Cunha*

o limite existe  
assim como o milagre  
e o crime

o método da exaustão  
e a série

essas coisas que, como  
a baba, saem da  
boca

contra o discurso, o vazio

dizer sem nome, sem meu, sem me  
sem eu

dizer ninguém, dizer a ninguém

até roubar o número infinito  
*o direito do roubo*, da terra

contra o comum, a estranheza

contra o comum, a luta, o  
limiar, o milagre



*um ponto é o que não tem  
parte, uma linha é comprimento  
sem largura, as extremidades  
de uma linha são pontos, uma linha  
reta é uma linha uniforme com pontos  
sobre si, uma superfície é o que  
apenas tem comprimento e largura,  
as extremidades de uma superfície  
são linhas, uma superfície plana é uma  
superfície uniforme com linhas retas  
sobre si, linhas retas paralelas são  
linhas retas que no mesmo plano,  
produzidas indefinidamente, em  
várias direções, não encontram  
uma à outra nem têm sentido  
nenhum, o que é cruel o que  
é paixão*

galileu imagina que o movimento é aquilo que vem – uma força constante –, mas não se aprofunda na ideia da *força em si*, seu primeiro empenho se agarra na projeção de que a força advém de um gesto, como um arremesso, porque é capaz de mover um corpo não apenas na direção contrária ao seu movimento natural, mas também de se apresentar como uma força ao contrário, às avessas, algo não natural

*forza* é também *ímpeto*,  
leonardo sabe: a *forza* é  
agente incorpóreo, imaterial,  
invisível, que surge numa  
pressão externa imprevista  
e faz com que um corpo  
mude de forma e de posição  
furiosamente, a *forza* é que  
alimenta a baba, o que sai da  
boca, o corpo, o gozo, a  
imaginação, a alma  
etc.

*forza*:

*potenza, virtù, possanza*  
– *momento della potenza* –, isto  
devolve leonardo ao pensamento  
de galileu, que também sabe  
a *forza* como um *momento*, um  
*virtus movens*, que se exerce  
a algum peso

*virtù, forza, efficacia*

o momento é a força

galileu troca *por que?* por  
*como?* e abrange o sentido de  
que uma força impulsora age  
sobre um corpo e é igual a  
resistência que opera o  
peso de outro corpo

*forza e resistenza*

*forza come resistenza*

isto, depois, é a base do  
pensamento de newton

movimento livre da força

ou a *força* é a causa da  
mudança do movimento  
ou se anula a ideia de força  
imprimindo-se sobre ela  
uma ideia da *forma*

a gravitação, de galileu até  
newton, pressiona os corpos  
para o centro do vórtice, a  
terra, por isso ela não  
é algo inerente à matéria, mas  
sim uma reação de partículas  
etéreas que se afastam  
do centro do vórtice, da  
terra

*a força contra a forma*

pasolini, furioso, entre  
galileu e leonardo, relembra  
giambattista benedetti  
[que formulara em 1585 a  
lei da inércia como parte  
de uma teoria do ímpeto]  
todos antecipam  
descartes e seu *princípios*  
*de filosofia*

a teoria cartesiana e  
geométrica da gravitação

quando os corpos terrestres  
parecem ser sempre  
leves, nunca pesados

*a força contra a forma, galileu,  
leonardo, pasolini, todos leitores  
de giambattista benedetti, são  
capazes de imaginar corpos  
em queda livre, corpos  
cadentes, que sofrem impactos  
sucessivos, isto também é a cena  
de benjamin lendo bachofen,  
propulsor do pensamento  
como força, contra a forma,  
contra as perspectivas  
do estado técnico,  
mecanizado, as imagens  
são almas, almas de  
coisas, almas de seres  
humanos*



ler as imagens e um  
passado remoto, ler *os*  
*elementos* que se lançam  
a emergência, futuro  
fabuloso de *força* ou  
*o poder não interessa*

nenhuma advertência ou  
alteração quando tudo já  
é idêntico

a *força da existência* sem  
mundo fixo, contra a frase  
feita, a todos os lados, que  
impõe a vida como  
mapa, modelo, cartografia e  
suas *formas abissais de*  
*resistência*: isto que  
não é nada, nunca é  
nada

a força, *todos os sonhos*  
*do mundo*

sandra bullock passeia pelo espaço

perdi meu pai há alguns anos num acidente de carro. uma falha no sistema de direção fez com que ele sobrasse numa curva que dá para um penhasco. o carro ainda capotou umas quatro, cinco, seis vezes antes de explodir na composição de pedras pontiagudas e muito molhadas que protege aquilo que é terra, daquilo que é mar: este lugar onde uma pancada aguda e compassada imita o seu coração. quatro câmeras filmaram o acidente. simultâneas, de diferentes ângulos. e o barulho da explosão pôde ser ouvido num raio de dez a quinze quilômetros adentro do vale que rasga e invade esta região do país. quatro câmeras simultâneas, a transmissão no horário nobre e a notícia que me chegou como uma brincadeira: “tenho duas notícias para te dar. uma boa. outra ruim”. só havia aquela ruim. ora, de boas novas e notícias porcas o mundo está cheio, é o que dizem. a notícia era um soco, um soco forte no maxilar e mais outro nos rins, bem nos rins, e ao saber da morte cinematográfica de meu pai, me senti como sandra bullock vagando pelo espaço, suspensa, tentando uma direção, entendendo que o combustível do seu *jetpack* já se fora. eu sou sandra bullock vagando pelo espaço depois de um acidente estúpido provocado por um míssil russo e, no mesmo dia, recebo um cartão postal em que estava escrito nele: “eu queria te dizer, e que tu soubesses muito bem, como são precisas, altas e incansáveis as vozes das ondas dos açores”. ninguém assina, mas ao que parece, sei muito bem de onde viera. agora, passo os dias pensando em *santa maria, são*

*miguel, faial, ilha terceira, graciosa, são jorge, pico, corvo.* passo os dias pensando em *angra do heroísmo, na serra do marião, no monte brasil.* seis meses depois, foi minha vez de morrer. morri me atirando do 6º andar do edifício onde morava e, talvez por sorte, ou azar, caí de cabeça numa piscina turva e lamacenta. não respirava. uma espécie de apneia sem senso, sem concentração, nada profissional. uma morte não profissional. morrer é coisa de amadores, também é o que sempre dizem. hoje, há um tremor enquanto espanto mosquitos que insistem em pousar sobre minha derme exposta. o corpo todo exposto, nu. me lavo três vezes ao dia e rolo na areia para me curar dos ferimentos, como os elefantes da savana, tal qual vi naquele canal dedicado aos bichos e à vida animal em geral. não há acidentes nesse canal, câmeras simultâneas, apresentadoras charmosas narrando a falha de sistemas de direção, carros rolando do penhasco e explosões que se propagam em camadas, ondas, muito menos o espaço, menos ainda sandra bullock dando voz a um documentário sobre o acasalamento de *hemípteras, thysanuras, orthopteras.* Depois de sucessivos golpes, meus rins foram retirados e até estou reaprendendo a andar. Um outro cartão postal me chega, mas agora sei quem escreve, reconheço a letra, reconheço a mão, lugar exato do amor. Uma foto do templo de angkor wat, camboja, e algo escrito nele: “nos fundos tem uma floresta. trarei sementes para ti.” há exatamente uma semana não me desespere.

[carlos augusto lima]

sandra bullock passeia pelo espaço

um amigo carimba paredes e é reconhecido pelo olho de vidro. carimbos gigantes com letras fortes que apagam depois, com o tempo. como tudo. faz isso repetidas vezes, sem parar, em casas das quais nem sabe quem são os donos, se há donos, quem mora nelas. nunca fez outra coisa na vida. um dia, sorrindo desconfiado e cansado, retira uma cadeira do bolso como fazia villon, senta-se no meio de uma sala com janelas abertas em direção ao relógio da estação central vagabunda, fedida e hostil, saca papéis da mochila, são poemas: crimes que não existem mais, não há quem os cometa, ninguém nunca morre por isso nem por nada. começa a rir, desesperadamente. tem uma crise fixa de choro. talvez seja a miséria, o sufoco, estamos no fim de janeiro, dia 27, um único desejo ou a própria carne envenenada, como a de seus irmãos: *triste é viver, irmão, coração ferido e tomado de ódio, a alma consumida pelo fogo, o peito e a voz extraviados num deserto. vezni, plamak*, o forno onde, parados, a sala fervendo, ninguém ousa ir levar-lhe um girassol, dar um abraço, fazer alguma oração. *salve cada um a sua vida*. tudo voa despedaçado, cheiro de corpo podre, a cada gemido um jogo. morre a cada seis meses, perde os rins, reaprende a andar, rola na areia como um elefante para curar feridas. chora mais vezes, desenha com o dedo no ar as aventuras forjadas de sandra bullock vagando pelo espaço, *chão de astronauta*, sem combustível no *jetpack*. sem linhas no rosto à beira de buracos negros ou emprestando a voz a um do-

cumentário sobre o acasalamento de *hemípteras*, *thysanuras*, *orthopteras*. o que ainda nos mantém respirando é uma fotografia do templo de angkor wat e a frase “há exatamente uma semana nenhum desespero”. está escrito em búlgaro que é exatamente assim, lança-se uma bomba no coração e a terra está alagada de sangue, a terra é um convite, um sepulcro: a morte é também miserável, a vida é dura, brutal. diante do vento do mundo e de uma falsa tradição familiar revolucionária, o demônio da guerra é diário, violento. comem-se nas sobras, moídas, arroz branco e farinha de puba. algumas vezes, raramente, servem um pouco de feijão verde. à mesa, o riso de cada circunstância, os retratos 3x4, como a canção, colados numa imensa e colorida imagem de são jorge, as costas fechadas a qualquer inimigo. existe água em abundância e é preciso dizer “muito obrigado”. não há mais mãe, pai, acidentes espetaculares, câmeras simultâneas e nada sobre os detalhes para atirar os corpos sem direção de uma próxima vez, expostos e nus. morrer pode ser assim: numa tortura feroz durante meses. um amigo ainda carimba paredes, não é mais reconhecido pelo olho de vidro, tem um par de chaves, comprou um fogão, uma geladeira e coleciona armas turcas. não diz nada, ninguém diz nada, há medo. a paz ainda nasce na rua, na fuligem, nas máquinas. a vida se remenda numa luta por pão, sonhos vazios e uma poeira que recobre a tudo: drama, resto, miragem. se hoje, de cor, aparece a letra do outro é porque a mão é quase a mesma, áspera.

cingapura

– cinema



“Através do quadro iluminado da janela  
Olho as grandes nuvens que chegaram do Oriente  
E me lembro dos homens que seriam meus amigos  
Se eu tivesse nascido em Cingapura.”

*Joaquim Cardozo*

o vento abre rachaduras na rua  
império de srivijaya, uma *temasek*  
forte voltado para o mar  
diabo cristão

*tudo passa sobre a terra*

aos cuidados e rosários da  
virgem lacerada

iracema bárbara assunção josé

as crianças nunca vêm prontas  
diante do vento, da rua rachada  
chegam despedaçadas  
com fome

muitas morrem antes de abrir os  
olhos, estatística pueril –

há nelas, *pequenos animais agarrados*  
*ao vício de existir* e dotados de

coragem, dança de êxtase  
e catástrofe previsível

ataque carícia satisfação de sexo  
sede deficiência de memória e  
tentativas de libertação da fome

choram, choram, têm pesadelos  
sentem dores fortes, raiva  
e tentam dormir – quando começam  
a esfregar as mãos planejam  
sabotar o mundo, a vida

as crianças são animais famintos  
decepam cabeças de monstros

*bang bang!*

um homem pula do telhado  
sobre o cavalo, vestido de preto,  
enfia as esporas com força, o cavalo  
estrebucha e corre desesperadamente

tem as mãos soltas, um *colt 45* em  
cada uma delas, com o corpo  
pendurado para o lado dispara  
mais quatro vezes sem olhar  
para trás

*bang bang bang bang!*

o lenço cobre seu rosto, olhos esbugalhados, vários relinchos  
e os termos que lambem a canção

propriamente \_\_\_\_\_ o só exato \_\_\_\_\_  
sorriso \_\_\_\_\_ revólver \_\_\_\_\_

a alguns quilômetros, ao norte da linha  
do equador, sudeste asiático ou  
península malaia, constrói-se um  
aterramento marítimo desproporcional  
atolado no progresso, no comércio,  
no turismo, no consumo – sem língua  
oficial, fala-se tudo o que se consegue  
ou o que é permitido

inglês chinês malaio tâmil italiano alemão

alguém lê dostoiévski em português  
esparramado num sofá enquanto um  
tiro lento e reto, a meio palmo de  
distância, não há como errar, atinge-o  
na testa

a metade de cima da cabeça explode  
em plano fechado é assim

:

*primeiro um buraco, em seguida o giro  
da bala por dentro do buraco, depois  
o giro da bala rasga tecidos e pedaços de  
osso e cérebro, por fim a cabeça estoura  
ao mesmo tempo em que a bala, numa  
oscilação tangente, sai fazendo um segundo  
buraco como se houvesse ainda o outro  
lado da esfera que é a cabeça, perde o  
espanto, se contorce e até receberia  
favores com aquele sorriso congelado, dá  
rodopios sem postura e rola até o chão, o  
livro se firma porque os pulsos se  
enovelam, enrijecem as mãos, isto é um  
acordo, permanece de bruços, estatelado, a  
metade de cima da cabeça explode, seu  
corpo agora é do nariz para baixo*

:

diante da lei isto é um crime

a presença a lei o crime anulam o homem

.....

*a morte há alguns anos*

:

*fazer a conta,  
nos dedos*

:

*o jogo é esse*

:

*uma  
narrativa?  
não, nada  
de narrativas  
nunca mais*

o aparelho digestivo funciona bem  
amarrado ao sofá da sala  
faz a conta nos dedos

:

dois braços duas pernas tronco costas largas  
umbigo pescoço imundo pau mole muito  
cabelo dostoiévski edição portuguesa

*um jogador*

pelos dedos é possível descobrir um universo

a cabeça suspensa para fora do encosto  
perto do chão  
sangue acumulado na testa  
a bunda peluda para fora  
o país em frangalhos  
o mundo sempre às avessas  
de cabeça para baixo: a  
imagem de *lenz*:



*[indiferente, pouco importa  
o caminho, ora para cima, ora  
para baixo, sem cansaço, desagradável,  
às vezes, não andar de ponta  
cabeça, medir tudo com alguns  
passos]*

todo nome é avolumado doente ruim  
vazio e ofertório hipócrita diante de  
deus e suas sabotagens, duzentos metros  
quadrados, violência civil e imposição  
social, avenida construída no aterro  
forçado de praia

uma carta  
antes de estudar as formas do tiro  
um peixe é capaz de fornecer escamas para o comércio

*fornecer*

:

*provide*

tornar disponível  
dar  
oferecer  
viabilizar

tomamos tudo do peixe  
se um peixe gritasse: matá-lo a pauladas

desiguais em palavra tamanho  
e dinheiro, muita pele pernas finas mal  
alimentados, *ou isto é amor + ou é fofoca*  
= *a guerra*

um dia, depois da hora de  
dormir, descontrolado e gritando, entre  
alívio e circunstância,  
apodrecer como assassino  
ou metamorfose de peixe

*deus-nos-acuda*

sangue infectado e amarelo, fedor de  
urina e poeira acumulada,  
todo mijado

*murro em ponta de faca*

.....

sujar as paredes com bosta  
uma espécie de revolta  
técnica, enciclopédica, mas  
pode custar caro demais

a barriga crescida, comer areia,  
ser feliz

um hábito, uma histeria, a cidade, depois  
do aterramento, tem um bairro só, redondo  
e fronteiro, para a manutenção da  
distância, do abismo e da placa de chumbo  
da miséria, a cidade é resultado de um  
projeto urbanista que constitui uma  
zona metropolitana organicamente  
imperiosa, aos pedaços

fora da circunferência do bairro: os  
polos de lazer, a barra de areia, um  
rio podre, os molambos de gente e  
bicho e a doença

cavalos ou porcos, prostitutas  
croatas, motoristas, sítios, casas de  
praia, empregadas fardadas numa  
zona militar

e há o oito, fuma plástico  
um ajuste de contas meio incerto  
com o tempo, catástrofe  
calculada

círculos no ar, talos de plástico  
no bolso cortados sob o amparo de  
pequenos aparelhos para desenho  
industrial e preparados com  
requinte

parafusos por todo o corpo  
para enfrentar a árvore com a  
máquina

*a árvore não pensa, não fala e pode matar  
o mato é uma mentira, criamos intimidade  
rápido demais, pose para o costume do  
primeiro nome, a máquina rompe e  
devora tudo ao redor, a máquina – como as  
crianças e deus – tem fome, sabota  
e pode matar*

*a árvore é a máquina, o nome*

olhos pregados no teto  
plástico entre os dedos  
plástico até a boca  
plástico no peito, nas costelas

*uma inversão geométrica:*

*o tempo é uma coordenada  
que faz parte da determinação  
da geodésica do mundo, lagrange  
descobriu que o elétron voltava  
sobre sua geodésica do mundo  
para o passado  
isso não é um regresso*

*o tempo é firme e imóvel  
os homens, em torno dele, e a ilusão de movimento*

um menino, uma flor:

*a flor aparece depois de cálculos  
matemáticos muito exatos, com  
circunstâncias difíceis de randwert  
e eigenwert, isto é, valor de contorno  
valor próprio*

*e o infinito  
um brinquedo de criança*

*adam warlock ou norrin radd mastigam  
as almas feito chiclete, não acreditam  
em nada, não têm como escapar da  
terra*



formigas aladas no corpo  
formigas aladas quando perdem as  
asas, caem e formam o cupim, o  
cupim, como as crianças e deus, tem  
fome, devora tudo, o cupim é a  
máquina, não reage a nada e  
transforma sem parar aquilo que  
devora, destrói tudo o que está  
a sua frente, pelos lados

*esperar é um exercício de voo*

ou

*esperar é um exercício de voo*

o cupim não tem ossos  
nem esperança

*deepavali*, o culto anual de  
pentecostes, busca espiritual  
e tormento

acredita-se que foi deus quem  
mandou o vento, as rachaduras  
da rua

um excesso de matança, gritos e  
sangue, aos tapas e bofetadas, o  
cheiro de bosta, não há atraso

*e isto parece ser tudo*

a cena está marcada no chão  
os pés têm calo  
passo firme e dança

*tudo passa sobre a terra*

o canto da virgem  
essa voz

uma carta pode ter  
*cabeça mãos pés coração*

*por que a cidade inteira  
está vazia?*

contrabando contínuo

o vento abre as paredes, cimento  
armado, azedume de sovaco  
suor e vômito, a ameaça diante  
da sombra

*o rosto do passageiro do banco de trás*

*cingapura  
cingapura  
cingapura*

nenhuma possibilidade de mapa  
desenhos no ar  
espécie de oração:  
*uma gramática profunda*

o plástico, a boca torta, o olho  
que treme, medo, desespero, uma  
caixa de alumínio, o cheiro forte do  
plástico, a espiral da fumaça, um  
teatro geométrico

sem conversa  
sem coragem

o dom

## Testamento

Após a morte de Deus  
abriremos o testamento  
para saber  
a quem pertence o mundo  
e aquela grande armadilha  
de homens.

*Ewa Lipska*

*[trad. Aleksandar Jovanovic]*

há um postal no correio, faz dez dias  
uma imagem de *ashram da amma*  
lugar forte

milhares de pessoas aparecem  
todos os dias, querem o *darsham*  
querem a guru

mas não há posse, de nada

há um cansaço, desde quatro da manhã  
todos os dias  
o mar, as árvores, os pássaros, os homens  
e as mulheres acordam gritando os nomes  
de deus

há uma bebedeira, de sono  
há um som, uma cerimônia, *puja*  
muitas flores, óleos, fogo, música, cheiros

os cantos, mantras em sânscrito, nenhuma  
palavra pra ler, com os olhos, sobram

imagens de elefante, cabeças de elefante, é  
*ganesha*, deus elefante, abre caminhos,  
sorte, sabedoria

o *puja* é pra ele



uma reza, há um cartão postal no correio  
há uma mulher de mão estendida, três selos e  
trinta rúpias e isto não é nada, tudo parece  
um entreposto de feira de santana com  
a índia, e *malappuram*

há um cartão postal no correio, o dobro da  
viagem, do preço e o dobro de selos

em *ashram* se enganam, há um cartão postal  
no correio, cheio de vida, pode ir parar num  
lugar triste, um desencontro, há uma  
espera, a fé, a índia  
uma hospedaria, um quarto de hospital  
um amigo e vinte e oito dias

na segunda semana a cada sete  
dias muda-se tudo, há o mês de outubro  
e o hospital, partes de um conjunto  
amplo e importante de *ayurveda*

:

escola, jardim botânico, fábrica de  
medicamentos, cantina, livraria, aulas  
de ioga e um templo a *vishnu*

há os dias, *as imagens vindas dos dias* e a leitura, mas há também a alegria do comércio, meditação, natalia ginzburg, um poema de jayadera em sânscrito, *a canção do negro amor*, *a serpente cósmica* de jeremy narby, a ayahuasca, os ashenincas, o acre e uma visão

*hoje é triste, é o sol*, as ruas, os papéis, o lixo, um caderno de colagens

a esperança

as imagens:

ontem, uma fotografia de zoy e  
stella, a festa da primavera, o fundo  
do quadro, sob a maior árvore, a surpresa,  
a camiseta preta, um menino

dois meninos, uma mulher

há um zumbido no ouvido, agudo  
e às vezes grave, ruídos misturam tudo

o som da geladeira, a modulação da  
fábrica de remédios, o outro lado da  
rua, a saudade

todos submetidos a tratamento médico  
e aulas de ioga, desintoxicação, volta  
e meia há perguntas:

qual é o problema?

não há problema?

tudo está bem?

ao final dos *ássanas* deitam no  
chão, exaustos, método e olhos  
fechados, música, flauta ou saxofone  
com reverber, notas longas, vêm  
do alto da colina ou do círculo celta  
de pedras, há uma música errada  
e um incômodo desgastante, volta  
e meia há perguntas:

um disco para esse momento?  
quase nada?  
timbres certos?  
nenhuma forma?

a recolha do lixo, os cadernos, o meio  
do caminho da vida, uma força

há uma carta  
no correio, o  
postal, selos  
a menos, jogaram  
do avião sobre  
a África, a  
comida, uns  
erros de  
ortografia,  
grosseiros, uma  
geografia de  
ossos, aérea

salve a força das crianças, sem  
contorno, sorte, as crianças  
nunca vêm prontas, swedenborg  
diz que não basta ser bom, para  
entrar no céu é preciso  
inventar o céu

ou é borges, o que diz

salve a força das  
mulheres, as imagens, a tarde  
de domingo, as mãos, os dois  
poetas:

o francês, a chilena:  
júlia e carlos

há livros de medicina *ayurveda*  
em inglês, a demora, o assombro  
das coisas que ninguém sabe, o  
ocidente não sabe nem atina

só os futuristas russos, a revolta  
e a revolução, há um cansaço, o  
hospital, as rotinas, lenha,  
fogueira, o templo de *shiva*, a  
piscina pública e o rio, os pobres  
se banham, lavam suas roupas, as  
margens de pedra, mil e um  
anos, sol a pino, ninguém ao  
redor, e um motorista de táxi

*[desfaz-se aqui a linha do homem  
que passa de táxi numa cidade  
hostil e aponta o dedo no exato  
instante quando o pobre,  
enamorado, nariz no pescoço  
da empregada, é rude e  
monstro]*

que tira a roupa e lava com  
uma técnica de mil anos e entra  
na piscina, nenhuma dúvida, a  
água turva, o mergulho, uma

alegria danada, palmeiras e  
corvos e o peixe que numa  
conjuntivite branda abre  
o olho fora da água



*nesse estado de falsa democracia  
o monstro é linchado, a vítima  
linchada continua a ser o  
diferente, o monstro, a tolerância  
cria o gueto, através  
da tolerância o diferente vem  
à tona, minoria aceita, murada, a  
tolerância é o espectro mais atroz  
da democracia*

há um último dia, *ashram*, há um  
cansaço, o avião, a entrada, a  
saída, a escolinha, sorte,  
a realidade e o terror

*algo similar à psicose*

há gente acordada, café, uma  
vulnerabilidade, ninguém é  
livre, não há saídas

índios, negros, candomblé

há muito medo, a tarde de  
domingo, os deuses, há um cartão  
postal no correio, poucos selos

fúrio morre aos 39 anos, há uma  
abertura de abismo, a vida, as  
notícias, a vagabundagem

envelopes, canetas, cadernos, o  
dia cinza, a chuva forte e a  
*primavera que espera*

exemplo: jules, jim, dois  
postais, nenhum endereço, *escrever*  
*mas não para fazer livros*

uma corda vermelha, um  
aquário, furo, exercício de voo  
na água e o peixe

caso raro de retratação  
para matar o livro

há dias em que não  
chove, quando praia e  
sertão não diferem

um homem do mar, ahab  
outro homem do mar, jeremias  
*e o dia está bonito de chuva*  
um amigo bravo, coragem  
e a *vida imaginada*

começa a primavera, há  
canções que se aprende a  
gostar, uma luta de garfo e faca  
ainda vai matar a todos

alvo fácil, mesmo ao lado  
de *vishnu*

perde-se ou gasta-se tempo  
com explicações, um frescor  
e a fotografia de uma árvore

a obscena fotografia de uma árvore

1 dia antes, fuso virado, disritmia  
e provável o zumbido aumente, o  
disco *relax sessions*

*om e zaum,*

os futuristas russos que  
se mataram, não pelos zumbidos, mas  
pelo estampido da bala perdida  
da cabeça pendurada e  
pensa, da boca torta

outros casos raros de retratação  
para matar o livro

como edmond jabès, sem babar, é  
um silêncio contra  
o sentido, contra a palavra e um  
objeto despedaçado, branco

violento

a força da imaginação de uma criança  
ou  
*por el analfabeto a quien escribo*

há a tormenta, a boa esperança  
e o esforço para sair da  
condenação

o crime, a mãe, a cabeça  
imensa, voltar à superfície para  
carregar um corpo

*estamos condenados à civilização*

há o fascínio pelo rosto de  
ahab, pelo rosto de jeremias, um  
tratado de política, os jogos de  
convivência, impasses entre o  
humano, a animalidade perdida  
e a capa de um disco

a sacada, andaime, um  
homem e suas barbas pendurados  
na janela do antigo casarão

um exercício de voo, um porto

é pelo poro, pela força, aos  
domingos e antes de partir, uma  
*caravan, corre-corre* ou *o quanto*  
*não daria*



um abraço definitivo  
diante das imagens dos  
dias ruins, uma dimensão  
claramente subterrânea, agora,  
*toda guerra, redonda e total,*  
*sem lados,* um poema de  
horácio dídimo em russo, dois  
poemas de ewa lipska em  
português

substâncias celestes inalteráveis

– cosmic records

claudio d'abbeville  
religioso e entomólogo  
numa expedição de 1612  
no maranhão está feliz  
ao lado de um amigo,  
yves d'évreux

longe do país de origem  
– *o que é uma origem* ou  
*quando é uma origem* –  
juntos  
observam de perto e dão  
nomes, com algumas palavras  
indígenas do lugar em que  
estão, a inúmeros insetos

as grandes borboletas azuis  
mosquitos  
mutucas

claudé d'abbeville  
escreve a *histoire de la mission  
des pères capucins en l'isle  
de maragnan et terres  
circonvoisines*, e publica em  
1614, na França

anota que o ar muda e varia  
em diversos graus, é o clima do  
mundo, e que no Maranhão  
sob um ar meridional, vivem  
os delicados, engenhosos,  
de bons gênios e alegre humor

*o perigo é  
nascido no maranhão na era das migrações  
ser empurrado aos canaviais de são paulo  
o corte da cana mais dura  
[a sacarose da cana tratada em laboratório]  
o trem-fantasma, a belém-brasília  
o albergue de beira de estrada  
a prostituta paranaense fodida por dez reais  
e o que escorre como memória:  
cachaça em copo sujo  
dívida antes do trabalho  
trabalho manual dos canaviais*

silenciosas, calmos, em ilhas  
muito diferentes: solitários,  
despreocupadas, um pode  
molestar o outro, assustar e  
perseguir, mas ninguém  
pode ajudar a nada, a alguém,  
nessa troca cansativa, a menos  
que se desenrole um livro  
do universo para obrigar-se à  
reverência ou devoção, aprender  
o comando e o motim  
o quanto antes e desmontar  
tudo: em 1590, juntos, os  
amigos tasso, patrizzi e  
cremonini conversam: a reflexão  
especular da lua a partir da  
luz solar projeta >>>>> a terra  
ainda é simultaneamente  
redonda, tanto em ferrara  
quanto no maranhão

por volta de 1898, quando  
rilke escreve *a melodia das  
coisas*, claude d'abbeville  
perde de vista seu amigo,  
yves d'évreux, e rilke respira  
muito devagar: estão  
mortos, *bem no começo,*  
*com mil e um sonhos*  
*para trás e nada feito*

a terra também respira  
muito devagar, de 6 em 6  
horas, como se fosse uma  
imensa e descomunal baleia

figura infinita de livro

um tiro lento atinge o coração

– cinema



“[...] um enorme rancor do câncer capitalista que vai, como se diz, atingir o coração. É provável que ainda vá feder um pouco no subúrbio. Mas e amanhã?”

*Fernand Deligny*

mulher jovem, magra e alta  
com o sapato na mão, parada  
na rua: atenta, retira  
um prego que a machuca  
muito

– *her shoe in her hand* – na  
língua que denuncia cada  
um e todos os cansados  
de não ser wcw

é o medo no corpo

mais do que esperar por um  
teste redentor do mundo, subir  
paredes lentamente

esta sapataria no meio do nada

não é notícia, ninguém viu na tv, na  
internet, nenhum comentário, não é um  
mero compromisso com a hora em que  
se rasga a lata sobre a bomba de são  
joão diante das páginas de mr. zuque – cada  
um reclama mas cumpre-se a conta de  
mr. zuque – e a quem interessa onde  
fica a ponte que separa timon do  
resto do mapa?

todos reparam que agora existe  
uma pequena cidade no meio de tudo  
chamada *corrente*, o rio *corrente*, o  
rio paraim, porque uma bala se espalhou  
e começou a ficar vermelha –

num trocadilho infame também  
poderia se chamar elo, eco, fome ou  
minotauro: *que chora feito criança, se  
enrosca como um feto e se aquieta  
no definitivo da morte –*  
o cadáver, 25 mil habitantes

*como matar alguém que não se pode ver?*

*teseu e o minotauro são uma pessoa  
só = narciso, que de olho nas  
águas percebe que só será feliz  
quando não enxergar a  
própria imagem*

ninguém enxerga quase nada  
quando se começa a falar, porque  
se fala pelos cotovelos, como se  
dissessem ou se conseguissem dizer  
qualquer coisa ao redor

há muito álcool  
e morre-se de sede

a mulher  
masca  
ameixas maduras  
pela  
rua ou isso  
é apenas uma imagem que projeta a maneira  
como ela se  
entrega e  
se concentra  
na fruta  
meio chupada  
e se distrai com  
um prego no  
sapato –

*they taste good to her*

ou  
a terra é só uma cabeça depois do capricho  
de salomé sobre o prato raso, a *tabula rasa*

a história

leonardo da  
vinci desenha  
uma  
máquina cheia  
de asas, ela não  
voa –

o pássaro é mecânico

um pouco  
de silêncio:  
ou dizer alto,  
perto e  
muito mais



é possível imaginar a tarefa inscrita  
no mundo – uma velocidade, e *o modelo*  
*é o mesmo de toda*  
*tragédia, no começo tudo está no lugar*  
*e funciona, depois as coisas se*  
*complicam terrivelmente*  
*e não só não se entende nada como*  
*também não se pode voltar atrás –*

a guilhotina, a máquina política, o  
sopro financeiro e a caixa giratória, até  
1875, entulhar inocentes, os  
enjeitados

para fins civis

entre ver e tocar, um abismo

a imagem

ou

pode-se também atribuir a responsabilidade  
a anaximandro, a primeira representação  
geográfica do mundo

a imagem

ou

simplesmente porque rabiscou  
algo destinado a um grande futuro, o  
modelo geométrico

o modelo é o mapa, antes da terra,  
do globo, do parangolé

no meio da avenida, dentro do  
carro e paga-se caro o direito ao  
mapa, ao ar condicionado

– isso torna a todos muito melhores –

o banho permanece, é a primeira  
mentira – a pele amarela, todos  
índios, a segunda mentira

vicente, *maipurá* = olhos mínimos  
alfaiate  
bêbado e índio

de uma vez,  
o rosto,  
reproduzir com  
firmeza o impacto  
da cena que desperta  
agora o anarquitecto  
do labirinto, o  
contraventor de  
autômatos:

tenso e cândido invade o caminho assustado  
com o que vê, muito gentil e repetido há  
20 anos escreve no quadro branco a  
mesma frase para justificar: *agora não esquece  
mais* – o que espera é ver ali alguma sugestão  
e um abraço: *uma recusa*

uma narrativa?  
não  
nada de  
narrativas,  
nunca mais

a vergonha e a cena: o herói para, depois dá  
um passo, avança sem medo e berra: um  
tiro lento atinge o coração

a acusação é de sacrilégio, o corpo  
vivo de toda a terra está em jogo

*[chamar a ambulância para a mãe  
que não fica mais em pé desde  
ontem, não consegue andar, e a  
poeira não baixa]*

ou

*[a mãe descobre um aneurisma  
cerebral, meses tensos para uma cirurgia,  
durante a cirurgia sofre um avc,  
revertido rápido, sedada, tubo de  
oxigênio por dois dias, uma artéria fica  
danificada do lado esquerdo, na região  
responsável pela linguagem]*

isto é, uma faca

menino, 12 anos, o mesmo  
aviso, a caixa giratória algumas  
vezes vem com prazo de validade muito  
curto, até 1983 – pouco tempo para  
guardar a inocência, a espera, estudar  
o vento, o encontro, a porrada

uma geografia de ossos, aérea

=

isto é, a  
verdadeira probabilidade  
do evento impossível, a  
eterna troca de tudo em  
tudo, quando tudo  
se transforma em  
tudo, a única realidade  
absoluta: o corpo  
morto, o fiapo

o problema não é a  
morte, mas o  
morto – *olhos revirados*  
*no branco sem luz*  
*e aquilo que o*  
*amor, esta guerra,*  
*nunca*  
*pode tocar*



filippo bruneschi, furioso, achata um  
ovo sobre a mesa para convencer os  
homens de florença que a  
cúpula da catedral de santa maria del fiore  
deve sustentar o universo sem nenhum  
esforço e fazer sombra a todos  
os povos ao redor –

é o seu rosto, o tronco torto, o  
horizonte, a linha reta

mais tarde é lucro, a conta de mr. zuque  
e o tempo arrancado, a doce invenção  
da hospitalidade, de muito longe se possível  
e a mão para tocar alguém que ninguém  
vê nem verá porque é o amigo  
número 102.204

todos diante da terra plana, da  
guerra única, da cantiga de roda

ahab, furioso, no capítulo 44, sob  
a lamparina, preenche com um traço  
errado os espaços em branco de suas  
cartas náuticas e apaga toda marca  
anterior – *uma infinita perseguição,*  
*um mar infinito* – quer alcançar a  
baleia, matar a baleia

sua obsessão, seu leviatã, o *mapa*  
*profundamente marcado do*  
*rosto*

ou

*pouco antes de morrer descobre*  
*que esse paciente labirinto de linhas*  
*traça a imagem do rosto*

o rosto do homem e o mundo  
só têm uma imagem, um  
nome – ahab percebe que *só*  
*será feliz quando não enxergá-los*  
*mais*, salta do barco, lança-se  
sobre a baleia, roça o corpo da  
baleia, a água e o copo  
de boca para baixo,

a baba

os mortos são bons e *o direito do roubo*

“De modo que à massa infelicíssima do povo, a quem a revolução libertara para a morte despeando-a da gleba para jungi-la ao carro triunfal de um alucinado, restavam ainda, como nos velhos tempos, apenas as fórmulas enérgicas, mas inócuas de alguns doutores canonizados; e em pleno reponar do século XIX – quando a filosofia natural já aparelhara o homem para transfigurar a terra – um triste, um repugnante, um deplorável, e um horroroso direito: o direito do roubo.”

*Euclides da Cunha*

*um autômato responde  
aos lances do jogador  
de xadrez com um  
contralance, é a felicidade  
que empenha nossa  
inveja, inteira, no ar que  
respiramos, a conversa, a  
posse, um encontro secreto  
entre a terra e a espera*

uma morfologia da  
terra, suas analogias  
mágicas e, ao mesmo  
tempo, *facies* geográfica

*agente geológico*  
*que reage brutalmente*  
*sobre a terra: terrível*  
*fazedor de desertos*  
*e o fogo*

há um hiato, as teorias  
místicas da linguagem e  
uma necessidade de  
*telepatia*

reação: *ler e tocar o*  
*imaterial antes da*  
*linguagem, dança,*  
*entranha e o que*  
*nunca foi escrito*

redimir-se diante do  
passado, a luta pelas coisas  
brutas, confiança, coragem,  
humor, astúcia, firmeza e  
o fundo dos tempos, as flores  
estendidas ao sol, a invenção  
do céu, irrecuperável, as  
imagens de agora, *estamos*  
*todos em perigo* –

alguma  
centelha de esperança?



*os mortos nunca estão  
seguros se o inimigo vencer  
e o inimigo não para de  
vencer*

a inércia do coração, isento,  
fogo e passagem, eis o  
vencedor, um *cortejo*  
*triumfal* e *corpos prostrados*  
*no chão*, os restos, a  
distância, o terror,  
a história, os bárbaros, os  
oprimidos e a regra geral, a  
luta contra o mundo imediato,  
a norma histórica, o assombro  
insustentável, um exercício de  
voo, um porto

os poros

*asas prontas para o voo*

a boca dilatada, asas abertas e  
sem rosto, aos pés da santa cruz  
ou como seria acordar os mortos  
para fazer uma festa, chove  
forte, as asas e força, uma espécie  
de futuro, *para entrar no céu é  
preciso inventar o céu*, esta é a  
regra do claustro para que os  
monges meditem e se desviem  
do mundo, da política, do  
aparelho incontrolável da  
realidade, é alto o preço a  
pagar, colapso e o declive da  
corrente

volta e meia  
há perguntas:

*qual a fonte de toda riqueza  
e de toda civilização se  
estamos condenados à  
civilização?*

marx = o homem que  
não possui a sua força de  
trabalho está condenado a ser  
escravo, a questão mora entre  
a dominação da natureza e os  
retrocessos na organização  
social, tecnocracia e fascismo,  
ingênua complacência, nenhuma  
utopia e as fantasias de fourier:  
ridículo ou razoável, quatro  
luas, o gelo derretendo, a  
água do mar sem sal e  
todos os animais a serviço  
do homem, essas fantasias  
liberam os mortos que  
dormem e se vingam

*o universo é um  
lugar de catástrofes  
permanentes, a queda  
na multidão e a terra, um  
pensamento livre, como  
a morte e o horror  
da fome*

partir tudo aos pedaços  
e, depois, bolos de  
carne, enfiar tudo na  
boca, os dentes são duros  
como a pedra, as garras,  
as presas e o hábito

sobra vaca  
sobra carne

uma horda com peças  
de ferro afiadas, as  
feridas, a repetição da  
eternidade, explodir ou  
*esperar é a vida*

entre o ódio e o espírito  
de sacrifício dos antepassados  
escravizados sem qualquer  
vínculo com a realidade,  
como percorrer a vida  
num modo irresistível: a  
flecha ou a espiral ou todo  
o tempo é vazio e homogêneo  
– o dorso e o salto do tigre –  
explodir o calendário, mínimo  
vestígio, testemunha ocular

*era uma vez um pedaço de  
madeira*

ou

*pensar não inclui apenas o  
movimento das ideias, mas  
também sua imobilização*

quando o pensamento  
para, bruscamente, o que  
vem é *a história da vida  
orgânica na terra, quando  
os míseros cinquenta mil  
anos do homo sapiens  
apresentam algo como  
dois segundos ao fim de  
um dia de 24 horas*

geografia de osso, aérea  
e as contas de um rosário



a terra

lição de geometria:  
desmontar o QUADRADO,  
desobediência até a  
imperfeição física

furos na parede, placa  
delgada, eucalipto  
reflorestado, processo  
perverso, alimento  
para a indústria de  
celulose etc.

a lâmina se decompõe à  
altura do pescoço, refaz o  
empenho da máquina  
política, a guilhotina, e  
da linha total do horizonte  
no chão com brita  
arenosa

a placa delgada,  
incontornável, invisível  
e concreta  
recupera traços  
impensáveis de uma  
astronomia alegre e  
retoma *a forma* do  
QUADRADO

para destruí-la

por à prova o fim do  
monumento

beppo levi = euclides  
pôs à prova o  
quadrado com área  
representada em  
números inteiros, a  
conversa no teeteto  
que não se satisfaz em  
saber que o irracional  
existe e a pergunta:

*quando o número  
que mede o quadrado  
não é o quadrado  
de um número inteiro?*

há uma potência  
para o pensamento  
abstrato, indicar que é  
possível construir  
quadrados cuja área  
deve ser apresentada  
por qualquer irracional

conhecido, o lado desse  
quadrado apresenta  
uma irracionalidade  
nova:

quando o incomensurável  
vem a sua medida é  
o impossível

a lâmina é a linha  
a linha é a lâmina:

uma disparidade  
orgânica do corpo  
mutilado em  
profundo estado  
de descontrole e acidente  
contra a eficácia  
específica ou retiniana  
das imagens visíveis  
entre perfeição e  
obediência:

não há nada para  
ver meramente com  
os olhos

uma imanência terrena:  
a crise, a humanidade

a criança

ou uma posição  
figurante para disparar  
outra vez um tiro  
lento e decepar  
cabeças diante de  
um mundo impossível,  
humanismo real e  
utopia irrecusável:

*só é possível alterar o  
mundo diante  
do impossível de todo  
o peso que ele tem*

ou

*aquele que não suporta  
o peso do mundo que  
pretende modificar  
não passa de um  
cretino*



uma pequena revolução:  
*a biblia, o enuma elish, a*  
*teogonia e ulisses*, recompor  
a ação violenta de uma  
invenção ocidental, a  
linha reta do horizonte,  
um sinal de divisão entre  
o céu e a terra traçado  
para que a terra seja  
pensada, inventada

franco farinelli, furioso,  
anota que o papel dessa  
linha é sempre vinculado  
a modelo, mapa e  
cartografia, para a  
eficácia do mundo, da  
vida cotidiana, numa  
escala doméstica

a ordem local, a ordem  
cós mica, duas concepções  
de mundo, as coisas, duas  
tarefas:

1] ler o horizonte,  
ambíguo, cambiante, uma  
subversão revolucionária,  
questionar a forma,  
estável, fixa, objetiva,  
mapeada, definida,  
definidora

2] *revolução* vem do  
movimento astronômico  
de corpos celestes  
ao redor de centros  
de gravitação, depois a  
possibilidade de  
mudança na estrutura  
política, na trama social  
da realidade entre o

que existe e o que  
não existe AINDA,  
comensurável e  
impossível, da forma  
à força

o impossível AINDA  
existe, transparência  
e esperança política da  
água, elemento infinito  
e finito

eduardo continua  
respirando, mal, mas  
continua, segue  
respirando numa  
plataforma, com  
força

e preválski: *tempo, não  
muito, é certo,  
sempre*

é a seca, 1865, a  
indústria da seca, uma  
modernidade sistêmica, e  
a série histórica à luz  
da ciência positiva, a

causa da seca no semiárido  
é o clima

esmagar a pobreza,  
impedi-la de comer, de  
respirar

é o método, é o método  
o método da exaustão

uma conjunção:  
confundir, subverter,  
deixar à margem a  
relação fundiária, guardar  
como *um próprio* o uso  
das águas

controle e poder

1865, 1877, e a  
*ordem autônoma e  
ampliada da máquina  
reprodutora*  
ou  
*sistema articulado  
como fonte da  
pobreza irreversível  
do semiárido*

energia-combustão,  
modernismo industrial e  
2 princípios de vigilância:  
capital acumulado, mão  
de obra alienada

antonio bandeira =  
*cidade queimada de sol*  
gráfico, mapa desfeito,  
vermelho furioso, o  
abstracionismo contra  
a figuração, a força  
contra a forma, tons  
quentes e entropia,  
sertão, cidade, respingos  
de amarelo solar, a energia  
de *pauloafonso*, o branco,  
a iluminação artificial,  
pastas grossas ocre

belchior = todo homem  
em seu minúsculo  
corpo humano é  
inadaptado à terra, sua  
deficiência, e se protege  
da terra:

*nordeste é uma ficção  
nordeste nunca houve*

*e*

*sob o qual, ainda há pouco  
a filha morta  
in salicibus terrae illius  
suspendimus citharas nostras  
aqui os mortos são bons  
não atrapalham nada  
não comem o pão dos vivos  
nem ocupam lugar na estrada  
nada, nada  
aqui não acontece nada não*



joaquim cardozo + 1926 e  
uma expansão da terra =  
cézanne: os primeiros  
raios de luz do dia  
no interior da catedral  
de san giorgio, uma linha  
de sombra, não para  
pintar, expor, dar  
forma, mas deixar  
ilegível, inaudito:

vapor e força, olhar  
com todo  
o corpo, *pupila aguda*

hiato, respiração

“[...] quando fraquejo, me lembro de trótski, meu  
exu, e viro hulk de novo.”

*Paulo Leminski*

diante da *morte*  
*livre, freitod*, reescrever  
o inquerito para  
viver com a morte  
na boca, a baba

subverter a vida,  
sabotá-la, escolher a  
morte, *uma autonomia*  
*do corpo* –

*degradar a forma* –

wolf biermann: *ah*,  
*amigo*, a terra, a  
alegria, tudo forjado  
à força, com força ou  
*de morrer ninguém*  
*tem experiência*

um pictograma, chão  
de astronauta = cláudia  
e joão continuam respirando,  
mal, mas continuam, seguem  
respirando numa  
plataforma, e com  
força

antes de todas as coisas

ou

françois cheng,  
exemplos: a pintura  
chinesa, a montanha, a  
água, música, vento,  
surpresa, rio, gangorra,  
escuta, circo, fábula  
e um lagarto fissura a  
pedra quando caminha,  
devagar, pequeno universo  
que sustenta a vida

antes de todas as coisas

daqui a cem anos, mais  
ou menos, contagem  
regressiva, *triste é*  
*saber que nunca houve*

nada

*e que agora* as ideias  
são velhas, sem órbita  
e movidas a sobrenomes  
muito antigos

*toda revolta é frouxa*  
*e ordenada em petições*  
*públicas*

uma felicidade modesta,  
cair em esquecimento  
a cada manhã, sem  
reservas, sem nome

o convite, se a morte  
aceita dançar, é  
crime de linguagem e,  
por outro lado, presença  
irreduzível, com alguma  
força, tem-se o jogo

a vida, inassimilável,  
lógica de ficção ou  
hans mayer: ser o corpo,  
não ter o corpo, depois  
estende-se a mão, pede-se  
o impossível

*ah, amigo, a terra, a  
alegria, tudo forjado  
à força, com força  
e faca, corte, mistura  
e sangue*

*o que há para repartir  
é existir, a vida, o  
gesto*

*violentamente, uma  
utopia, a imaginação é  
subversiva, limite  
rigorosamente  
impossível: prudência  
de cobra, sujeira de  
pombo, o que é  
isso, como é o nome*



o limite, o  
milagre, o crime, o  
método da exaustão  
e a série

a baba, a boca

contra o  
discurso, o vazio  
dizer sem nome, sem  
meu, sem me,

sem eu

dizer ninguém  
dizer a ninguém  
roubar o número  
infinito, *o direito*  
*do roubo*, da terra

contra o comum, a  
estranheza, a luta, o  
limiar, o milagre e  
muito silêncio

fotos de júlia studart



Manoel Ricardo de Lima é professor da Escola de Letras e do PPGMS, UNIRIO. Publicou, entre outros, *Pasolini: retratações* [7Letras, 2019, com Davi Pessoa], *Avião de alumínio* [Quelônio, 2018, com Júlia Studart], *Maria quer o mundo* [Edições SM, 2015, para crianças], *A forma-formante: ensaios com Joaquim Cardozo* [EdUFSC, 2014], *Geografia aérea* [7Letras, 2014], *Jogo de varetas* [7Letras, 2012], *As mãos* [7Letras, 2003/2012], *Fazer, lugar: a poesia de Ruy Belo* [Lumme Editor, 2011] e *Falas inacabadas* [Tomo, 2000, um livro-transparência, com Elida Tessler].

Coordena a coleção “móbile”, de mini-ensaios, desde 2006 [Lumme Editor] e coordenou a edição da poesia completa de Ruy Belo no Brasil [7Letras].

Escreve a coluna “trabalhos no subsolo” para a revista *Revestrés*:  
<http://www.revistarevestres.com.br>